

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: o desenvolvimento da pesquisa e suas implicações na formação de mestres e doutores

*Francisco das Chagas de Souza**

RESUMO

O artigo resulta de pesquisa documental, e tem como foco uma análise de convergência das descrições das linhas de pesquisas dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCIs brasileiros e das ementas dos Grupos de Trabalho da ANCIB - GTS - ANCIB, partindo dos conceitos de campo social e redes. O propósito, a partir deste ponto de partida, é argüir sobre as potenciais modalidades de instrumentalização da pesquisa realizada, especialmente no processo de formação de mestres e doutores em Ciência da Informação – CI no País. Essa instrumentalização significa o conjunto dos procedimentos metodológicos empregados na totalidade da pesquisa desenvolvida no campo da CI, dos quais se apresenta uma tipologia.

Palavras-chaves: Pesquisa – Ciência da Informação. Grupo de Pesquisa – Ciência da Informação. Campo Científico. Redes de Pesquisadores. Metodologia.

* Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Brasil. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: chagas@cin.ufsc.br

I INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da pesquisa no campo da Ciência da Informação - CI no Brasil mostra a presença de objetos de estudo que tem provocado interesse menos ou mais intenso. Parte desse interesse contribui para alimentar a produção anual que se avoluma como conhecimento produzido pelos Grupos de Trabalho (GTs) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e pelos 12 Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIs) em atividade em 2011, bem como pela colaboração de pesquisadores vinculados a institutos de pesquisa que, embora dissociados dos GTs - ANCIB e dos PPGCIs, envolvem-se na temática.

Essa produção foi identificada por meio dos registros expostos nos Grupos de Pesquisa em Ciência da Informação, inscritos no Cadastro de Grupos de Pesquisa (GP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em grande parte, esses Grupos de Pesquisa respondem aos temários

das linhas de investigação dos PPGCIs, pois são constituídos por pesquisadores a eles vinculados. Majoritariamente, essa produção representa o esforço concentrado de trabalho intelectual visando ao atendimento dos requisitos de avaliação dos Programas de Pós-Graduação pela respectiva comissão de área na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Para a consecução dessa produção, há uma rede de relações inter e intra institucionais que estabelece uma dinâmica pela qual, vários “nós” são atados num circuito virtuoso de geração de conhecimento. Conceitualmente, pode-se observar que essa tessitura corresponde à noção de redes de indivíduos, para lembrar um conceito construído por Elias (1994). Por esse conceito, explica-se o movimento interacional das pessoas em uma sociedade mais ampla, independentemente do efeito que possa proporcionar a presença das recentes tecnologias de comunicação e informação. De outro lado, essa tessitura corresponde ao conceito apresentado nos estudos de Recuero (2009), os quais têm como

referência analítica o movimento de relações humano-sociais mediado por computadores, tendo em vista que nos anos recentes o conceito de redes sociais, ou de interação entre indivíduos humanos, está mais evidenciado pela tecnologia empregada.

Essa rede de relações se configura com a finalidade de responder ao desafio de produção da pesquisa como instrumento forjador de um campo científico que se constitui como não tradicional; um campo que não se modela substantivamente pelo parâmetro consagrado pelas Ciências físicas, cujo paradigma positivista e quantitativo, por força de muitos objetos que investiga, tem uma enorme relevância. Ao mesmo tempo, o campo da Ciência da Informação neste País está submetido a um processo de avaliação pelas agências de fomento à pesquisa e pós-graduação em que o padrão de análise dos resultados produzidos tem como origem predominante os modos de organização da pesquisa e pós-graduação nas Ciências Naturais. Quer dizer que, nesse campo, são aplicados certos critérios e pesos para aferir como ele funciona, sem levar em conta distintas formas de abordagem dos objetos que lhe são próprios. Diante disso, observa-se na comunidade de Ciência da Informação a presença de uma discussão que ultrapassa o seu âmbito e que procura compreender e explicar os seus processos de trabalho científico, certamente por vê-los, social e historicamente, distintos daqueles empregados nos outros campos de conhecimento (ALMEIDA, BASTOS, BITTENCOURT, 2007).

Historicamente, não se pode desconsiderar que um dos primeiros traços do campo Ciência da Informação, como tal, é ter sido iniciado com o perfil de uma Ciência cujo objeto se permitia ser investigado com o uso de metodologias quantitativas. Esse objeto estava centrado na frente de investigação “Recuperação da Informação” (tido como parte da vertente tecnológica), como representando a sua centralidade. Essa configuração nas décadas de 1940-1960 implicava na necessidade de se problematizar o uso da computação eletrônica como recurso fundamental de promoção da interação do conhecimento disponível e a ser disposto para a sociedade. Na sua evolução, num tempo histórico de aproximadamente meio século,

os pesquisadores envolvidos no campo vêm a estabelecer a centralidade de duas novas frentes de investigação que são: 1 - os modos de apreensão ou assimilação do conhecimento (a cognição) e 2 - os modos de apropriação coletiva do que pode ser produzido a partir da manipulação e posse do conhecimento no ambiente social. Essa tríplice centralidade de objetos vem transformando o campo da Ciência da Informação em um universo múltiplo em que os seus membros passam a chamar continuamente membros de outros universos de conhecimento para cooperarem com partes dos conhecimentos que, mais centralmente, constituem domínios desses outros universos. Ainda que essa forma de interação interdisciplinar não contribua na remoção de obstáculos que têm origem na sistemática de avaliação a que a pesquisa e a pós-graduação são submetidas, ela vem a servir de reforço ao dinamismo que a Ciência da Informação apresenta nos últimos anos.

Outro traço, muito significativo no campo da CI no Brasil vem das características de sua comunidade. A ciência da informação brasileira constitui uma comunidade científica com origem na profissão de bibliotecário que a acolhe como um frutífero campo de conhecimento. Em vários momentos de sua trajetória no Brasil está demarcada a forte presença de infraestrutura física, tecnológica, operacional e humana, historicamente identificada com a Biblioteconomia (BARRETO, 2009). Esse progresso do campo possibilitou que os programas de pós-graduação *stricto sensu* criados na década de 1970 tenham surgido com a designação Biblioteconomia ou Biblioteconomia e Documentação para se modificarem nos anos seguintes, com a adoção do nome Ciência da Informação. O mesmo ocorreu com vários Departamentos universitários que alteraram a sua denominação de Biblioteconomia ou Biblioteconomia e Documentação, também para Ciência da Informação. Parte dos programas de pós-graduação criados nos anos da década de 1990 e seguinte têm com o origem de seus docentes e pesquisadores os quadros de professores inicialmente constituídos para atuação na formação de bibliotecários. Essa composição de origem da comunidade de pesquisadores em Ciência da Informação no Brasil levou a que alguns de seus líderes tenham

feito na década de 1990 um considerável esforço visando sintetizar no nome “profissional da informação” o conteúdo de domínio científico e profissional do bibliotecário. Diante disso, boa parte dos problemas de pesquisa ainda são buscados no âmbito da atuação dos bibliotecários e dos fluxos informacionais gerados no dia-a-dia de sua atuação, assim como em anos recentes no âmbito da atuação dos arquivistas.

Seja por sua tríplice centralidade na abordagem de objetos de pesquisa ou pelas características de sua comunidade, considerando a origem da mesma, o desenvolvimento da pesquisa em Ciência da informação no Brasil continua a ser um tema com muitos e surpreendentes objetos a exigir análise e, por isso, aberto a permanente investigação¹.

Este artigo é resultado de esforço de investigação contínua, que envolve uma questão correlata a uma trajetória de estudos sobre a existência e atuação da Associação Brasileira das Escolas (ou de Ensino) de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) nos anos em que essa entidade esteve em atividade (1967-2000). No conjunto das questões levantadas, pode-se identificar, por exemplo, na documentação gerada por específica Diretoria da ABEBD, o cruzamento de interesses entre essa entidade e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), pelo que a ABEBD aceitava, sem aprofundamento da discussão, a subordinação do ensino de biblioteconomia aos interesses da preparação de profissionais para a atuação com a Informação Científica e Técnica. Esse cruzamento de interesses se manifesta, particularmente, quando o Currículo de Biblioteconomia aprovado em 1982, e em sua implantação, foi tomado como um currículo que tornava o Curso de Graduação em Biblioteconomia vocacionado para a preparação de bibliotecários, que atuariam nesse segmento, evidenciando uma forte valorização do discurso da CI. Em tese, essa articulação responderia a uma estratégia de política pública do país, tal era o teor da carta da então Presidente da Associação para o então Diretor do IBICT

(SOUZA, 2008, p.112-113). Essa questão, pelos seus traços e pelo potencial de análise política e ideológica próprios, não será tratada neste artigo; ela constitui parte da problematização de pesquisa que, em Ciência da Informação, está situada no escopo do temário do GT6 da ANCIB como uma questão relativa à educação de profissionais da informação e que vem sendo examinada em outros estudos (SOUZA, 2006a, SOUZA, 2006b).

Assim, o propósito deste artigo é expor uma apreciação sobre o que se encontra de convergente no teor das descrições das linhas de pesquisas dos PPGCIs e nas ementas dos GTs - ANCIB. A partir daí tenta-se argüir sobre a necessidade de formar o entendimento sobre as potenciais modalidades de instrumentalização da pesquisa realizada. Essa instrumentalização é representada pelo conjunto dos procedimentos metodológicos empregados na totalidade da pesquisa desenvolvida no campo da CI. Sua origem está atrelada ao arcabouço teórico buscado pelos pesquisadores e, certamente, tem uma íntima relação com suas escolhas filosóficas, que estão em contínuo aperfeiçoamento, mas que guardam uma estreita relação com suas áreas disciplinares originais, com sua formação em uma dada disciplina.

No tópico 4 adiante, pode-se ver pelo mapeamento dos GP - CNPq que essa origem é diversa. Mas, é dessa base que vai surgir a instrumentação que proporcionará os meios intelectuais que darão objetividade para a atividade de pesquisa; objetividade que dá origem aos *papers* que alimentarão os eventos da área, seus periódicos e confluem na produção e produtividade do PPGCIs, em uma complexa interação de múltiplas redes que dão convergência às noções já referidas como evidenciadas em Elias (1994) e Recuero (2009). Parte do produto final gerado – ao alimentar as bases do Coleta CAPES – dá aos avaliadores da área de Ciências Sociais Aplicadas I - Ciência da Informação da CAPES as bases para estabelecer quanto todo esse esforço representa em termos de competência para que cada PPGCI possa continuar a formar Mestres e Doutores em Ciência da Informação no Brasil, captar recursos para pesquisa e reforçar a institucionalização do campo como um todo.

1 O Núcleo de Pesquisa de Produção Científica sediado no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da USP, desde 1992 vem investigando a “literatura cinzenta” da área da Ciência da Informação. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/pc/ONcleo.htm>. Acesso: 21/02/2011.

2 AS LINHAS DE PESQUISA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Há uma diversidade de condições a determinar o funcionamento dos 12 PPGCIs existentes no Brasil, quanto à oferta de acesso dos candidatos ao estudo dos objetos do campo. Desses Programas, no final do ano de 2010, seis funcionavam com os níveis de Mestrado e Doutorado, cinco com o nível de Mestrado Acadêmico e um com o nível de Mestrado Profissional. Navegando-se em seus sítios eletrônicos, observam-se distintas composições docentes, com maior ou menor presença de doutores em Ciência da Informação e com diferentes experiências de formação acadêmica no país ou no exterior. Assim, percebe-se que a diversidade de origem acadêmica servirá como base para a configuração da proposta de cada Programa, determinando o número de linhas de investigação e os seus limites temáticos.

Nesse sentido, há quatro Programas com oferta do nível de Mestrado e Doutorado que se estruturam em três linhas de investigação; um Programa com o nível de Mestrado e Doutorado estruturado com duas linhas; um Programa que atende a duas diferentes áreas de conhecimento, tendo uma linha de investigação em Ciência da Informação; há cinco Programas que oferecem apenas o nível de Mestrado e todos oferecem duas linhas de investigação e há um Programa de Mestrado Profissional com apenas uma linha. No todo, havia no final de 2010 o total de 26 linhas de investigação em oferta nos 12 Programas existentes no País. Tirando os poucos casos em que um mesmo professor atende a mais de uma linha de investigação, haveria 26 Grupos tematicamente articulados que, nos PPGCIs, asseguram a criação e transformação de conhecimento dentro dessas linhas. Poder-se-ia fazer algum contraste desses dados, confrontando-os com os seguintes: há 9 (nove) Grupos de Trabalho na ANCIB; há 145 (cento e quarenta e cinco) Grupos identificados numa busca simples com o uso do termo “Ciência da Informação” na base censitária de 2008 do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq; havia 103 grupos identificados por Oliveira (2009), na base censitária de 2004 do Diretório de Grupos

de Pesquisa do CNPq, dos quais 51 alojados em instituições que desenvolvem a Pós Graduação.

Uma constatação imediata é que cada linha de investigação dos PPGCIs pode abrigar pesquisadores que se identificam com mais de um Grupo de Pesquisa registrado no Diretório do CNPq. Igualmente, pesquisadores de Linhas distintas de um mesmo PPGCI participariam dos mesmos GTs - ANCIB. Isso tende a explicitar uma correlação frouxa ou fracamente articulada entre as linhas de investigação dos PPGCIs, os Grupos de Trabalho da ANCIB e os Grupos identificados no Diretório do CNPq. Tal esgarçamento vai se refletir no discurso avaliativo da Comissão de Avaliação da CAPES.

Evidentemente, esse discurso vai expressar a constatação de avanços, especialmente quando as avaliações trienais expõem uma análise qualitativa, indo além da mera exposição quantitativa, como a apresentada no relatório de avaliação do período 2007-2009. O discurso presente nesse relatório é composto por um elenco de tabelas, acompanhado ou entremeado de um texto que simplesmente as descreve. Essa estratégia adotada pela Comissão de Área em 2010 impede que sejam conhecidos os aspectos relevantes do que aconteceu nos PPGCIs nesse período, para além do quantitativo. Porém, do triênio 2004-2006, consolidado e divulgado em 2007, o diagnóstico do desempenho da área tem a seguinte síntese:

A avaliação do triênio revela dois pontos extremamente positivos, um certamente decorrente do outro, a saber, uma consistência epistemológica muito maior² e uma conseqüente concentração de atividades (pesquisa, publicações, orientações) na área de Ciência da Informação.

A tendência a uma inserção cada vez mais clara das atividades no campo interdisciplinar da Ciência da Informação já fora notada por ocasião da avaliação do triênio anterior, consolidando-se neste triênio. Algumas (poucas) exceções à parte, os corpos docentes dos programas vêm se dedicando à produção de conhecimento em Ciência da Informação, com matizes e vieses diferenciados, mas sempre inseridos na área.

Nota-se claramente, nas pesquisas sob responsabilidade dos docentes,

2 Os destaques “em sublinha” são do autor deste artigo.

nos temas de dissertações e teses e na produção bibliográfica, a preocupação em relação aos seguintes aspectos:

A - o aprofundamento de reflexões sobre temáticas iniciadas em anos anteriores;

B - a reflexão sobre o impacto (tanto positivo quanto negativo) da tecnologia da informação nos produtos e serviços de informação, mas também uma discussão mais filosófica a respeito da constituição da área e o papel nela desempenhado pela tecnologia;

C - a afirmação do sentido social da informação e dos equipamentos culturais que, de formas as mais diversas, objetivam aumentar o acesso à informação, visando o progresso social e o bem-estar do homem em sociedade.

As preocupações acima delineadas resumem a produção do conhecimento elaborada pelos PPGs de acordo com uma definição ampla da Ciência da Informação, qual seja, o estudo da produção, distribuição e utilização da informação institucionalizada, visando sua circulação social. As interfaces com outras áreas do conhecimento estão presentes, particularmente com a computação, sociologia, educação, ciências cognitivas, lingüística, lógica e história da ciência.

Pode-se concluir, portanto, que a área amadureceu, enfatizou menos sua necessidade de afirmação de uma identidade para priorizar as pesquisas que objetivam propor soluções para os – imensos – problemas colocados pelo acesso à informação na contemporaneidade. (CAPES, (a)).

Esse tipo de diagnóstico, ainda que aparente num primeiro momento enxergar os PPGs por si próprios, reflete uma avaliação que permite um espelho do campo para quem não integrou a Comissão de Avaliação da Área. Nele, a Comissão que o elaborou teve o cuidado de enquadrar a produção apresentada sob uma definição ampla de Ciência da Informação. Também focalizou um aspecto básico da produção de conhecimento, que é traduzido pela ideia de interface; além disso, reforça essa mesma ideia ao arrolar as outras áreas de conhecimento que, a seu ver, foram utilizadas naquele triênio na produção científica produzida através dos PPGs.

3 OS GRUPOS DE TRABALHO DA ANCIB E SUAS COBERTURAS TEMÁTICAS

Os Grupos de Trabalho da ANCIB pelas suas temáticas têm características que os colocam com o perfil de núcleos disciplinares. Cada um deles comporta uma ou mais disciplina.

Empregando conceitos de Bourdieu (2004, p. 21), encontra-se que disciplinas representam a primeira faceta do que ele chama campo a outra são as instituições. No caso da ANCIB, há a materialização ou objetivação de uma instituição ou entidade que tem por finalidade organizar a comunidade científica produtora do conhecimento de Ciência da Informação no Brasil (BARRETO, 2009). Mas sua feição é a institucionalização de um campo. Entretanto, em termos práticos, a ANCIB estaria carregada de microcampos os GTs. Tais GTs assumem traços de campos “inseridos” nesse campo maior, com suas lutas internas e que ao mesmo tempo disputam entre si, o projeto de assegurar visibilidade acadêmica e política, com o potencial de institucionalização da CI.

As leituras do conceito de campo ao serem transportadas para o âmbito prático, no contexto em que se desenvolvem as ações encetadas por diferentes grupos institucionalizados, na ANCIB, por exemplo, iluminam a existência, de dois elementos: um capital comum e a luta por sua apropriação (GARCIA CANCLINI, 2009, p. 76). Em outra leitura, agora de Almeida, Bastos, Bittencourt (2007, p. 72) encontra-se uma definição sobre campo extraída do texto de Bourdieu (2004, p. 22-23), que deve ser destacada:

Todo campo, o campo científico, por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação.

A leitura que aqui se faz leva a compreender que o conceito, tal como recolhido, se aplica a cada um dos GT - ANCIB. Um momento em que isso tem se evidenciado é quando se postula, discute e realiza a atualização da ementa ou identidade dos Grupos. Essa

compreensão se vê reforçada por outros aspectos que Bourdieu oferece e que são aqui tomados como elementos que auxiliam a análise. Por exemplo, Bourdieu (2004, p. 21-22) afirma que:

O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de *refratar*, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas. [...] Dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais imposições externas serão transfiguradas, a ponto de, frequentemente, se tornarem irreconhecíveis.

Dessa forma, em se tratando do âmbito científico, pode-se compreender que o campo opera como um espaço fechado às pressões externas e ao ser assim corresponde a um universo de reificação, segundo o conceito construído na Teoria das Representações Sociais (TRS) por Moscovici (2004). Para este pesquisador psicossocial

Num universo reificado, a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito [...] Troca de papéis e a capacidade de ocupar o lugar de outro são muitas maneiras de adquirir competência ou de se isolar, de ser diferente [...] Nós nos confrontamos, pois, dentro do sistema, como organizações preestabelecidas, cada uma com suas regras e regulamentos. (MOSCOVICI, 2004, p. 51-52).

Pode-se compreender que no caso da ANCIB isso se lhe aplica como o todo e se aplica igualmente a cada GT. E mesmo quando a participação de um mesmo pesquisador se dá em mais de um GT, no momento de sua presença na reunião do grupo em que se encontra presente, seu corpo, seu comportamento, seus gestos e linguagem se adaptam ao meio, à

forma do discurso geral, que é textual e gestual, no mínimo, isto é, se ajusta ao que é normativo naquele ambiente.

Se a título de exemplo tomar-se o GT6 - ANCIB, Informação, Educação e Trabalho³, constata-se a presença de vários assuntos que representam capitais, pois são possuídos e demarcam competência de quem os possui e, por isso, a manutenção dessa competência distingue a luta por sua apropriação, isto é, somente ali, naquele ambiente do GT e não de qualquer outro GT se trata desse assunto e de suas nuances. É também ali, o lugar “verdadeiro” onde este assunto deverá estar disponível para troca, para submissão à discussão etc.

Como a presença de vários assuntos é facilmente perceptível na composição da ementa de cada GT - ANCIB, então cada um deles, se organiza com essa configuração de campo reificado, contando com muitas facetas. Voltando-se ao GT6, ainda a título de exemplo, encontra-se nele vários temas que, embora correlatos com Educação e Mercado de Trabalho, poderiam estar sendo tratados em GT específico, da mesma forma como nos anos recentes vem acontecendo com outros GTs que se desdobraram institucionalizando novos GTs. Cada um desses temas suscitaria agendas significativas capazes de sustentar a discussão do GT em cada um dos encontros científicos promovidos pela entidade ANCIB. Em educação, certamente, há dezenas ou mesmo centenas de objetos relacionados a currículo, metodologia e prática de ensino, planejamento educacional, financiamento do ensino de Ciência da Informação etc., que não são evocados e, portanto, não são tratados atualmente. Igualmente, em Mercado de trabalho há muitos objetos de estudo que ficam ocultos, obliterados como as políticas de regulação do trabalho, remuneração, relação profissional e uso da informação etc. Para ser mais específico, e considerando a própria ementa do GT6, o que dessa ementa tem suscitado as discussões realizadas a cada reunião do GT? Muito pouco!

Por ser uma ementa de largo alcance, não dá conta de todas as questões mais imediatas, nem dá conta de si própria. Eis o seu teor:

Campo de trabalho informacional:
atores, cenários, competências e

³ Trata-se do GT - ANCIB em que o autor deste artigo participa regularmente.

habilidades requeridas. Organização, processos e relações de trabalho em unidades de informação. Sociedade do Conhecimento, tecnologia e trabalho. Saúde, mercado de trabalho e ética nas profissões da informação. Perfis de educação no campo informacional. Formação profissional: limites, campos disciplinares envolvidos, paradigmas educacionais predominantes e estudo comparado de modelos curriculares. O trabalho informacional como campo de pesquisas: abordagens e metodologia (ASSOCIAÇÃO., 2011).

É evidente que ao longo deste artigo se faz uma análise global a partir do conceito de redes e redes sociais e supondo que tais conceitos têm implicação em cada GT - ANCIB e na entidade ANCIB. E essas implicações decorrem de uma ambiência de múltiplas interseções e incontáveis cruzamentos. É esse mundo complexo que vai contrastar com uma linearidade na avaliação dos PPGCIs, sob condições que a própria noção de reificação da TRS justificaria. E assim, de algum modo, se distancia de uma avaliação que cruza a descrição das linhas de pesquisa dos PPGCIs e o ementário dos GTs - ANCIB⁴.

4 GRUPOS DE PESQUISA (CNPQ): composição de áreas de origem dos pesquisadores e temáticas

Uma verificação na base corrente do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, realizada em 22 de fevereiro de 2011, utilizando como termo de busca a “frase exata” Ciência da Informação, permitiu a recuperação de 50 Grupos através do critério AP (Área Principal). A busca realizada com o termo “Todas as palavras” Ciência da Informação, levou à recuperação de 145 Grupos.

Em 2009, Oliveira publicou resultados de estudo em que examinou os dados desse mesmo diretório, com base nos registros de 2004. De acordo com seu relato, identificou 103 grupos, utilizando o termo Ciência da Informação. Na etapa seguinte, a autora coletou os dados da produção científica dos pesquisadores da base

de currículos da Plataforma Lattes do CNPq e constatou que:

Os grupos de pesquisa cadastrados em CI, na base de dados de 2004, integram muitos e variados grupos dedicados a estudos de informação dispersos em cursos de graduação e pós-graduação, assim como em instituições de ensino superior (IES) em diferentes regiões do País. (OLIVEIRA, 2009, p. 40)

Em seus resultados, a autora encontra que pouco menos da metade, isto é, 51 desses grupos tinham vínculo com PPGCIs. O total de participantes nos 103 grupos era de 675. Esses participantes eram egressos de 12 designações disciplinares distintas: Biblioteconomia, Biblioteconomia e Documentação, Ciência da Computação, Ciência da Comunicação, Ciência da Informação, Ciências Sociais, Comunicação Social, Comunicação e Semiótica, Educação, Engenharia da Produção, História e Letras. Do total de participantes, 375 eram titulados como doutor, 155 mestres, 35 especialistas em diferentes cursos, 38 graduados e um não graduado. Considerando, pela origem do doutorado, o grupo mais representativo, com 99 titulados, era egresso de Ciência da Informação, seguido de 45 egressos de Educação e 40 de Ciência da Comunicação; pela origem do mestrado, 180 eram mestres em Ciência da Informação, seguidos por 49 da Educação e 28 de Ciência da Computação; pela origem da graduação, 260 vinham de Biblioteconomia (209) ou Biblioteconomia e Documentação (51), seguido de 25 da História e 18 de Letras.

As temáticas mobilizadoras dos grupos (OLIVEIRA, p. 49) compunham 11 segmentos: Tecnologia da informação, Organização do conhecimento, Questões Sociais, Indústria da Informação, Pesquisa em Ciência da Informação, Bibliotecas e serviços bibliotecários, Fontes e aplicações para assuntos específicos, Produção editorial, Profissão da informação, Informação e questões governamentais e legais, Sistemas e serviços de informação eletrônica. No caso,

⁴ Disponível em: <http://www.ancib.org.br>

73% dos grupos pesquisavam nos cinco temas iniciais, sendo que em Tecnologia da informação estavam 19% e em Pesquisa em Ciência da Informação 11%. Essa diversidade temática, com pequenas nuances, confirma a centralidade de alguns núcleos apontada por Barreto (2009), que se reporta também a outros estudos da mesma natureza. Tal recorrência, que aponta para eixos mais significativos, poderia estar antevendo para a necessidade de realização de pesquisas que levassem a exame a convergência desses temas com as descrições encontradas nas linhas de investigação dos PPGCIs e nas ementas dos GTs - ANCIB. Seu propósito seria observar o quanto de idealização umas e outras configuram e as implicações dessas possíveis idealizações para o próprio campo da CI no Brasil. Um primeiro exercício pode ser verificar quais PPGCIs "respondem" a quais GTs - ANCIB.

5 CONVERGÊNCIAS ENTRE GTs - ANCIB E PPGCIs

A prática institucional da CI via Associação Científica no Brasil é explicada por Barreto (2009) em artigo de fundo, quando da ocasião da comemoração dos 21 anos de criação da ANCIB. O autor deste artigo, como pesquisador-docente associado à ANCIB, tem como dado de observação que as vozes mais influentes nas reuniões dos GTs são pesquisadores-docentes dos PPGCIs. Essa presença por si só não é suficiente para dar o inteiro rumo político para a entidade. Também fazem parte do seu quadro de associados os PPGCIs como instituições.

Os sócios individuais vinculados aos PPGCIs e os sócios institucionais, os próprios PPGCIs, então, definem quais são e de que tratarão os GTs - ANCIB. Mesmo assim, não fica completamente evidente uma convergência, situação que é novamente explicável a partir dos conceitos de campo (BOURDIEU) e de reificação (MOSCOVICI), que novamente trazem a lume a diversidade de origem de campo dos pesquisadores da CI, isto é, a fonte de seus capitais. Mas há outra coisa a considerar! Poder-se-ia afirmar que, para além da disputa disciplinar, haveria também outros aspectos relevantes que qualificariam os PPGCIs como, por exemplo, a região geográfica onde eles estão instalados, a instituição de ensino superior a que

eles pertencem, o lugar da CI nesta instituição etc., ou melhor, as situações externas de que fala Bourdieu e que podem ou não ser refratadas. Porém, quando se coteja as descrições das linhas dos PPGCIs e as ementas dos GTs - ANCIB a totalidade desses outros aspectos fica tão apagada quanto quaisquer outras razões que se deseje desocultar.

Pode-se confrontar o teor do Apêndice (Descrição das Linhas dos PPGCIs) com as ementas dos GTs - ANCIB, disponíveis no Portal da ANCIB (www.ancib.org.br), observando quais Linhas dos PPGCIs se aproximam de quais GTs - ANCIB. Por uma questão metodológica, cabe alertar que este confronto tem limitações que decorrem da interpretação que se pode dar para as descrições e para as ementas, reiterando-se que essa correlação não é linear e direta. Há situações em que as linhas dos PPGCIs não chegam a ser explicitas sobre certas temáticas e em algumas dessas linhas há pesquisadores que produzem conhecimento, oferecem orientação a teses ou dissertações e nas reuniões da ANCIB contribuem ou participam de mais de um GT. Com essa observação, pode-se constatar que:

- a) IBICT; UFF têm em seus programas Linha que envolve temática do GT1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação;
- b) IBICT; UFMG; UNB; UNESP; UEL têm em seus programas Linha que envolve temática do GT2: Organização e Representação do Conhecimento;
- c) USP; UNESP; UFPB; UFRGS; UFF; UFBA; UFPE; UEL têm em seus programas Linha que envolve temática do GT3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação;
- d) IBICT; UFMG; UNB; UNESP; UFSC têm em seus programas Linha que envolve temática do GT4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações;
- e) UFMG; USP; UFPB; UFBA; UEL têm em seus programas Linha que envolve temática do GT5: Política e Economia da Informação;
- f) UFSC mantém o seu programa como o único a oferecer Linha que envolve temática do GT6: Informação, Educação e Trabalho;
- g) UNB e UFPE têm em seus programas Linha que envolve temática do GT:

Produção e Comunicação da Informação em CT&I;

- h) UNESP mantém o seu programa como o único a oferecer Linha que envolve claramente a temática do GT8: Informação e Tecnologia.

Sinteticamente, observa-se que o maior número de PPGCIs (oito) trabalha com conteúdos correspondentes à ementa do GT3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. A seguir, cinco Programas trabalham com conteúdos referentes aos GT2: Organização e Representação do Conhecimento; GT4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações e GT5: Política e Economia da Informação.

Aparentemente, essas temáticas são as mais fortes; as que concentram o maior número de docentes-pesquisadores e, por conseguinte, de orientandos e de produção científica. Mas por que é assim? Haveria mais potencial de financiamento para suas pesquisas? Haveria mais oportunidade dos resultados virem a ser aplicados? Haverá mais motivação dos concorrentes a pesquisador a ingressar no Programa de Pesquisa dessas linhas? Há maior valor social e influência do capital intelectual dos membros dessas linhas? Enfim, existem aspectos que têm relação com o contexto e que requerem investigação.

Ao mesmo tempo, os conteúdos que constroem as temáticas menos fortes nas Linhas dos PPGCIs fazem parte de programas que mantém as Linhas mais fortes. Também para isso, necessita-se buscar explicações. Como se vê, os conteúdos do GT1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação e do GT7: Produção e Comunicação da Informação em CT&I são tratados por dois Programas e os do GT6: Informação, Educação e Trabalho e GT8: Informação e Tecnologia são tratados, cada um, por um único programa.

Evidentemente, por exemplo, não parece simples alegar-se questões regionais como componente determinante para que Informação, Educação e Trabalho constitua temática somente da Linha Profissionais da Informação do Programa da UFSC. Do mesmo modo, Informação e Tecnologia representa uma

temática que perpassa várias Linhas existentes nos PPGCIs.

Voltando à concepção da TRS, é concebível que, para além do universo reificado, próprio do campo científico, muitos aspectos que têm origem contextual nessas escolhas se originem do que a teoria denomina de senso comum. E, nesse caso, deve haver um peso maior no esforço investigativo para a sua compreensão.

6 MODALIDADES DE INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PESQUISA

A exposição que se faz neste artigo, em que se reflete sobre circunstâncias relacionadas aos caminhos da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil, poria em cheque parte dos seus resultados, quando se leva em conta uma dispersão ou um distanciamento entre a descrição temática das Linhas de pesquisa dos PPGCIs e as ementas dos GTS - ANCIB. Se essa observação contém algum sentido, então se pode indagar como anda a discussão metodológica ou sobre a instrumentalização das pesquisas realizadas.

De um lado, encontra-se discussão de cunho epistemológico, sobretudo na produção liderada por Gonzalez de Gomez (2000), no IBICT e de cunho prático, esta mais direcionada a facilitar a aplicação de estratégias de organização e desenvolvimento da pesquisa pelos discentes dos PPGCIs, a exemplo de Valle Silva (1987). Em grande parte, no entanto, trata-se de uma literatura de produção recente, a tomar pelos manuais lançados por Valentim (2005) e por Mueller (2007). São volumes que reúnem, predominantemente, contribuições de doutorandos e recém-doutores em Ciência da Informação que, virtualmente no calor da pesquisa, buscam essa instrumentalização na literatura existente, adaptando-a para o ambiente de pesquisa da CI.

O mapa metodológico exposto nesses dois livros está constituído por caminhos que vêm sendo empregados para instrumentalizar as pesquisas em Ciência da Informação, considerando que os PPGCIs, por suas Linhas atendem aos três focos do campo: tecnológico, cognitivo e social. Porém, é aceitável o

entendimento de que há ainda muitas possibilidades que a teorização empregada ou construída para exame dos objetos levados a investigação podem produzir. E o mais provável é que isso virá por meio dos estudos epistemológicos, os quais poderão apontar muito melhores respostas. Tal resultado dar-se-ia na medida em que esses estudos aportem elementos que possam auxiliar os pesquisadores, enquanto continuam a desenvolver o campo, também com a construção e adaptação da instrumentalização ou caminhos necessários.

Protocolo Verbal; Discurso do Sujeito Coletivo; Análise de Redes Sociais; Grupo Focal; Análise de conteúdo; Diplomática; Estudo de caso; Pesquisa-ação; Teoria Fundamentada; Bemotologia são as nove metodologias que estão apresentadas nos dois livros referidos. Predomina a perspectiva de abordagem qualitativa, que talvez não seja suficiente para atender aos três focos do campo. Uma percepção que se pode ter é de que o tema métodos de pesquisa em CI ainda não foi transformado em objetos de estudo na própria área. Isso se reforça quando não se encontram estudos desse assunto com a mesma responsividade com a qual se identifica textos como os de Mendonça (2008) ou de Queiroz; Noronha (2004), que abordam mais significativamente os traços conceituais das teses e dissertações do campo Ciência da Informação.

Para além de outros aspectos, como a possibilidade de integração e/ou triangulação de métodos ou metodologias quantitativo-qualitativo, abordado em Flick (2004), e com ampla literatura nas ciências sociais em que se destacam obras como a organizada por Poupart (2008), se percebe no campo a necessidade de maior investimento nessa temática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência da informação no Brasil vem sofrendo as transformações inerentes a qualquer projeto social, que se constitua especialmente no âmbito acadêmico. Nesse sentido, estabelece articulações internas através de redes formais apropriadas ao seu modo de produção. Como campo disciplinar, estabelecido para responder às demandas sociais, institui a ANCIB, também

como estrutura para coordenar o campo, visando responder ao diálogo com o mundo externo. De outro lado, suas redes operacionais: PPGCIs, GTs - ANCIB e GPs - CNPq parecem carecer da busca de uma maior convergência nas temáticas mais gerais, que dão lastro à formulação dos seus objetos de pesquisa. Ao lado disso, é recente uma preocupação com a temática metodologia da pesquisa em Ciência da Informação, que ainda está mais centrada majoritariamente no caráter prático. Essa forma de abordar a questão aparentemente fragiliza a produção que se dá no campo e pode por em dificuldade a noção do que significa ser competente e excelente na formação de mestres e doutores.

Uma das operações em rede que se espera contribua com o campo – a avaliação trienal – a envolver os PPGCIs, seus acervos de informação acadêmica e administrativa consolidados no Coleta CAPES e as Comissões de Avaliação da CAPES, constituída também com membros da CI, nem sempre resulta num documento que exponha uma apreciação qualitativa do desempenho demonstrado. Essa apreciação, com esse caráter, é relevante para a comunidade de CI, na medida em que essas Comissões têm a condição ímpar de conhecer no momento em que é realizada essa operação todos os dados de todos os PPGCIs. Por isso, podem formular uma compreensão, cuja explicitação tem um notável valor de orientação, visando ao fortalecimento da CI no Brasil.

No relatório publicado em 2010, pela área de Ciências Sociais Aplicadas I, a análise dos dois principais campos avaliados, Comunicação e Ciência da Informação, particularmente no item 6 “Síntese da Avaliação e comparação com o triênio anterior”, se atêm à descrição dos números. Aspectos relacionados a conteúdos, metodologia, inserção social ou outros, que foram explicitados pela Comissão que construiu a avaliação do triênio 2004-2006, restaram ocultos.

Diante disso, essa rede, essencial para o fortalecimento do campo, também necessita ser mais bem articulada a fim de contribuir significativamente com o campo na sua autoavaliação e na compreensão de suas potencialidades em responder ao universo externo, fonte dos recursos e do reconhecimento social que lhe dá sustentação.

**INFORMATION SCIENCE IN BRAZIL:
the development of research and its implications for the
training of masters and doctors**

Abstract

The paper result of documentary research, and focuses on an analysis of convergence of descriptions of the research lines of the Graduate Program in Information Science - PPGCIs Brazilians and the synthesis of the Working Groups of ANCIB - GTS - ANCIB, starting from concepts of social field and networks. The purpose, from this starting point is to argue about how the potential resources of research is employed, especially in the formation of masters and PhD in Information Science - CI in the country. This means the set of methodological procedures employed in all the research developed in the field of Information science, which presents a typology.

Keywords:

Research - Information science. Information science Research Group. Scientific field. Researchers network. Methodology.

Artigo recebido em 22/02/2011 e aceito para publicação em 16/12/2011

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. C. de, BASTOS, F. M., BITTENCOURT, F. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da ciência da informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.6, n.1, p.68-89, 2007.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA (ANCIB). Disponível em: <http://www.ancib.org.br/>. Acesso: 03/12/2011.

BARRETO, A. A. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em ciência da informação (ANCIB). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.3-28, jan./dez. 2009

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

CAPES . COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Cursos recomendados. Disponível em: <http://capes.gov.br/cursos-recomendados>. Acesso: 03/12/2011.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL

SUPERIOR. Documento de Área 2004-2006 - Ciências Sociais Aplicadas I (Comunicação, Ciência da Informação e Museologia). Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/doc_areas_triennial_2007/2007_Ciencias_Sociais_AplicI_Aval2004-2006.pdf. Acesso: 03/12/2011 (a).

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Relatório de avaliação 2007-2009/trienal 2010: Ciências Sociais Aplicadas I**. Disponível em: <http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/RELAT%C3%93RIO-DE-AVALIA%C3%87%C3%83O-2010-CSA-I.pdf>. Acesso: 03/12/2011 (b).

CNPq/DGP. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/>. Acesso: 03/12/2011.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2004.

GARCIA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da Informação. **DataGramZero**, v.1, n. 6, 2000. Disponível em: http://www.dgzero.org/dez00/Art_03.htm. Acesso em: 03/12/2011.
- MENDONÇA, E. S. Pesquisa disciplinar do corpus documental de teses de doutorado IBICT/UFRJ: princípios e categorias para estudo interdisciplinar da ciência da informação no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 37, n. 2, 2008.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**; investigações em psicologia social. 2. ed. Petrópolis, Vozes: 2004.
- MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- OLIVEIRA, M. de. Grupos de pesquisa em ciência da informação no Brasil. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.38-59, jan./dez. 2009.
- POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- QUEIROZ, F. M., NORONHA, D. P. Temática das dissertações e teses em ciência da informação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, 2004.
- RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SOUZA, F. das C. de. **O discurso construído no Brasil sobre o ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação**: processo sócio-histórico e seus desdobramentos, a partir dos documentos da ABEBD. Florianópolis, 2006 (a). (Relatório de Pesquisa).
- SOUZA, F. das C. de. O discurso sobre a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação: caminhos teórico-metodológicos para a compreensão. In: CUNHA, M. V. da; SOUZA, F. das C. de (org.). **Comunicação, gestão e profissão**: abordagens para o estudo da Ciência da Informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (b). p. 151-172.
- SOUZA, F. das C. de. **O impacto da atuação da ABEBD na evolução do currículo de graduação em Biblioteconomia no Brasil, entre os anos 1967 e 2000**. Florianópolis, 2008. (Relatório de Pesquisa).
- VALLE SILVA, G. O. A matriz de dados e a metodologia da pesquisa em Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 2, 1987.
- VALENTIM, M. L. P. (Org.) **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

APÊNDICE

IES	Linha de Pesquisa	Descrição da linha
UFF (M)	1 - Informação, cultura e sociedade	Estuda a informação como processo e produto sócio-histórico, analisando sua constituição como objeto disciplinar e de políticas, tanto no nível micro-social - institucional quanto no nível macro-social - nacional e global.
	2 - Fluxos e mediações sócio-técnicas da informação	Investiga os processos informacionais e comunicacionais, considerando as relações entre as tecnologias da informação e da comunicação e os diferentes campos do conhecimento científico e técnico, seus padrões, demandas e uso de informação.
IBICT UFRJ (M - D)	1 - Epistemologia e Interdisciplinaridade na Ciência da Informação	Estudos orientados à reconstrução crítica das estratégias e premissas epistemológicas constituídas no campo da Ciência da Informação e sua interdisciplinaridade, assim o desenvolvimento de conceitos, metodologias, modelos e teorias dos fenômenos, processos e construtos de informação na sua comunicação e construtos da memória.
	2 - Organização, Estrutura e Fluxos da Informação	Sistemas de organização do conhecimento e representação da informação em diferentes contextos de estudo e aplicação. Estruturas e inscrições simbólicas de estoques de informação. Estratégias de distribuição e os fluxos da informação. Metodologias para estudos de necessidades e usos da informação. A interatividade, a interconectividade e os reposicionamentos de tempo e espaço no contexto das redes eletrônicas. Tendências contemporâneas da organização do conhecimento visando à recuperação da informação.
	3 - Informação, Sociedade e Gestão Estratégica	Configurações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas da informação e do conhecimento. Usos e tecnologias da informação e do conhecimento na gestão estratégica, na dinâmica de inovação e de colaboração em organizações, comunidades e redes. Informação para avaliação e monitoramento. Informação e conhecimento nos processos de transformação social, na produção e apropriação material e imaterial, nas regulações e políticas públicas. Construção de competência em informação, cidadania e inclusão social.
UNESP Marília (M - D)	1 - Informação e Tecnologia	Estudos e pesquisas relacionados à geração, armazenamento, gestão, transferência, utilização e preservação da informação e de documentos nos ambientes científico, tecnológicos, empresarial e da sociedade em geral, associados a métodos e instrumentos proporcionados pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs).
	2 - Organização da Informação	Considera a organização da informação como elemento para garantia de qualidade na recuperação, destacando-se o desenvolvimento de referenciais teóricos e metodológicos interdisciplinares acerca dos procedimentos de análise, síntese, condensação, representação e recuperação do conteúdo informacional, bem como dos produtos documentários deles decorrentes.
	3 - Gestão, Mediação e Uso da Informação	Estudos teóricos e metodológicos de temáticas relacionadas à: cultura, comportamento e competência em informação; fluxos, processos, usos e usuários da informação; processos de mediação da informação; gestão da informação, gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional; inteligência empresarial, prospecção e monitoramento informacional; redes sociais; políticas e práticas de informação e leitura.

UFMG (M - D)	1 - Informação, Cultura e Sociedade	Aborda temáticas variadas, tendo, entretanto, como elementos comuns a preocupação em discutir problemas relativos a democratização do acesso à informação, bem como ao exercício das atividades informacionais procurando evidenciar as contradições, os limites e alternativas que se apresentam no âmbito da sociedade da informação.
	2-Gestão da Informação e do Conhecimento	Estuda temáticas relacionadas à gestão da informação e do conhecimento em contextos organizacionais. Tais temas focalizam as seguintes questões: Políticas de informação (nacionais e transnacionais) para a inclusão, cognição em organizações, fontes e serviços de informação para negócios, tecnologias para gestão do conhecimento e avaliação de sistemas de informações organizacionais.
	3 - Organização e Uso da Informação	Estuda duas das funções básicas de bibliotecas: os sistemas de recuperação da informação e a organização e o uso de informação. Foi estruturada com base no pressuposto de que o estudo e a reflexão sobre qualquer das duas funções são potencializados a partir da interação/inter-relação existente entre as duas, procurando explorar as teorias correspondentes, de forma a consolidar núcleos teóricos relevantes para as áreas envolvidas. Entre os grandes temas da linha destacam-se: Representação da informação (classificação, descrição e modelagem) em contextos digitais, análise de assunto, bibliometria, estudos de usos e usuários de sistemas de informação.
UNB (M - D)	1-Gestão da Informação e do Conhecimento	Estudos teóricos, metodológicos e práticos sobre gestão da informação e do conhecimento em sistemas de informação, bibliotecas, arquivos e demais unidades de informação e sobre formação e mercado de trabalho dos profissionais da informação. Análise das necessidades de informação e dos comportamentos dos indivíduos e das comunidades na busca e uso da informação.
	2 - Arquitetura da Informação	Estudos teóricos e práticos sobre a análise da informação, indexação, estruturas informacionais, representação do conhecimento e recuperação da informação
	3 - Comunicação da Informação	Modelos e processos da comunicação da informação científica, tecnológica, comunitária, arquivística, organizacional e para negócios. Suporte informacionais tradicionais e eletrônicos. Direito autorial. Influência dos contextos acadêmico, industrial, empresarial, organizacional e social no comportamento informacional
USP (M - D)	1- Acesso à Informação	Estudos teóricos e metodológicos relativos aos aspectos da produção, organização para transferência e uso da informação visando o acesso e a apropriação da informação.
	2 - Mediação e Ação Cultural	Baseada nos estudos de Política Cultural, esta linha apresenta-se como um campo de natureza processual, situacional e relacional que se propõe não apenas a construir teoricamente um conhecimento do mundo da cultura tal como ele se revela nos constructos informacionais formalizados (biblioteca, museu, sistemas virtuais etc) como nele intervir com instrumentos determinados visando o apoio à produção, distribuição, acesso e uso dos bens culturais, promovendo a socialização do conhecimento e da informação correspondente.
UFPB (M)	1 - Memória, Organização, Acesso e Uso da informação	Envolve questões teóricas, conceituais, reflexivas e metodológicas da produção, apropriação, democratização, representação, usos e impactos da informação, e à proteção das memórias, do patrimônio cultural e identitário, associadas ou não às tecnologias de suporte.
	2 - Ética, Gestão e Políticas de Informação	Envolve questões teóricas, conceituais, reflexivas e metodológicas do ciclo da gestão, às políticas de informação, inclusão e responsabilidade ética e social, metodologias de gestão da informação e do conhecimento, redes sociais organizacionais, associadas ou não às tecnologias de suporte.

UFSC (M)	1 - Fluxos de Informação	Estuda os canais de produção, distribuição e circulação da informação, os processos e suportes informacionais e a apropriação da informação nas unidades de informação. Visa construir suportes teóricos para a compreensão do funcionamento das unidades de informação e para o entendimento da dinâmica dos fluxos de informação na sociedade contemporânea.
	2 - Profissionais da Informação	Estuda as necessidades de busca e uso de informação da sociedade, em diferentes setores, que determinam a configuração das atividades dos gestores da informação. Visa construir metodologias que permitam avaliar as condições de oferta de educação e capacitação profissional nas áreas que compõem o campo de atuação dos profissionais de ciência da informação.
UFRGS (M - D)	1 - Informação, redes sociais e tecnologia	Estudos de cunho teórico, metodológico e aplicado, abordando a produção e o uso da informação para a compreensão de fenômenos sociais mediados pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC), a partir dos seguintes enfoques: cibercultura; comunicação científica; interação mediada por computador; redes sociais na internet; imagem enquanto informação e comunicação. Desenvolvimento e aplicação de métodos quantitativos e qualitativos adequadas aos temas e objetos de pesquisa da linha.
	2 - Informação, tecnologias e práticas sociais	Contempla pesquisas de cunho teórico, metodológico e aplicado, enfocando a geração, o desenvolvimento e o uso da informação e das tecnologias da informação e da comunicação, para compreensão da cibercultura, da interação mediada por computador e dos demais fenômenos ligados à dinâmica das práticas sociais.
UFBA (M - D)	1 - Políticas, tecnologias e usos da informação	Estudos teóricos e aplicados sobre a infraestrutura e políticas de acesso, controle e uso da informação, do documento e das tecnologias intelectuais. Contempla a identificação e o monitoramento de necessidades, assim como a avaliação de padrões de funcionamento e gestão de redes e sistemas de informação. Abrange pesquisas sobre identidade e memória cultural, incluindo o exame de metodologias e estratégias de preservação documental. Envolve ainda o estudo das tendências e dos indicadores de produção e comunicação científica.
	2 - Produção, circulação e mediação da informação	Estudos teóricos e aplicados sobre produção, disseminação, transferência, mediação e apreensão da informação em vários contextos. Contempla os ciclos, processos, fluxos, hábitos e comportamentos informacionais em diferentes meios e ambientes, incluindo leitura e escrita, com enfoque na circulação da informação, recepção e produção de sentidos. Abrange estudos e pesquisas das redes sociais e humanas na produção, intercâmbio e uso de informação. Envolve também a análise de competências informacionais e de programas de letramento e inclusão digital. comportamentos e hábitos informacionais.
UEL (MP)	1 - Organização e Compartilhamento da Informação e do conhecimento	Pesquisa questões oriundas de atividades práticas, centradas no compar-tilhamento e na organização da informação e do conhecimento em diferentes ambientes e objetos relacionados à gestão da informação e do conhecimento em organizações públicas e privadas. As pesquisas com-vergem para: estudo da informação estratégica; canais e fluxos da informação; política e economia da informação; serviços e produtos de informação; organização do conhecimento e redes de conhecimento.

UFPE (M)	1 - Memória da Informação Científica e Tecnológica	A Produção de conhecimento sobre o uso social da herança cultural. Ênfase no uso de estoques de conhecimento produzidos em instituições de desenvolvimento regional e nacional e seu fluxo para fins sóciopolíticos e econômicos.
	2 - Comunicação e visualização da memória	Investigações sobre os processos de comunicação da memória coletiva em distintos segmentos socioculturais. Contempla aspectos metodológicos e técnicos aplicados a produção, gestão, organização, recuperação e uso da informação.

Fonte: CAPES - Cursos recomendados, 2011. Disponível em: www.capes.gov.br. Elaboração do autor.

Legenda: M = Mestrado Acadêmico // MP = Mestrado Profissional // D = Doutorado